

PROCLAMAÇÃO

QUE O

GENERAL EM CHEFE

DO EXERCITO DE PORTUGAL

DIRIGIO AOS PORTUGUEZES

EM CONSEQUENCIA DA SUBLEVAÇÃO DO ALGARVE,

E

RESPOSTA À MESMA.

PORTUGUEZES,

QUE delirio he o vosso? Em que abismo de males quereis vós ficar sepultados? Depois de sete mezes da mais perfeita tranquillidade, da melhor harmonia, que razão pôde fazer-vos correr a pegar em armas, e contra quem? Contra hum Exercito, que deve assegurar a vossa independencia, que deve manter a integridade do vosso Paiz, sem o qual finalmente cessareis de ser Portuguezes! Quem pôde induzir-vos assim a trahir os vossos proprios interesses? Quereis pois que a antiga Lusitania não seja mais que huma Provincia da Hespanha? Que podeis esperar contra hum Exercito numeroso, valente, e aguerrido, diante do qual tereis de ser dispersos, bem como as arêas do deserto ao sopro impetuoso do vento do Meio-dia? Não vedes vós que aquelles, que a isso vos persuadem, não buscão o que pôde ser do vosso interesse, mas tão sómente o que pôde satisfazer a sua raiva; e com tanto que o Continente fique perturbado, que se lhes dá do sangue, que deve correr? Se aportão ao vosso Territorio esses Insulares perfidos, deixai-me a mim combatellos: este he o dever do meu Exercito: o vosso con-

siste em ficar socegados nos vossos Campos. Tenho dó do vosso erro; se elle porém continuar, se ficardes surdos á minha voz, tremei, o castigo será terrivel.

Podeis vós ainda ter huma memoria saudosa de huma Dynastia, que vos abandonou, e cujo Governo vos humilhará ao ponto de não figurardes já entre as Nações da Europa? Que podeis vós de-sejar? Ser Portuguezes? Ser independentes? O Grande Napoleão vo-lo prometteo. Vós mesmos lhe haveis pedido com intancia hum Rei, que ajudado do mui poderoso braço daquelle Grande Monarca, podesse restabelecer a vossa desgraçada Patria, e tornar a polla na ordem que lhe pertencia. A este tempo por certo pensa o vosso Monarca em aproximar-se a vós, esperando achar Vassallos fieis. Acaso porém não deverá elle achar mais do que rebeldes? Eu esperava entregar-lhe hum Reino pacifico, Cidades florescentes. Acaso terei de lhe não mostrar mais que ruínas, montes de cinzas, e de cadaveres? Quererá elle reinar em hum Paiz devastado? Não por certo. Vós não sereis senão huma desgraçada Provincia da Hespanha. Os vossos usos, as vossas Leis, tudo se tem mantido. Por ventura não he a vossa Santa Religião a nossa? Tem ella soffrido o menor insulto? Não sois vós pelo contrario os que a violais? Vós vos deixais seduzir, e levar por herezes, que só querem a vossa ruina, e a destruição da vossa Religião. Perguntai aos desgraçados Catholicos de Irlanda qual he a oppressão em que gemem na sua Patria pelas Ordens do seu proprio Governo. Não sois vós, tornamos a dizer, os que a violais, obedecendo a Ministros desta Santa Religião, (cujo primeiro preceito he a obediencia, e a submissão ás Leis) que se atrevem a excitar-vos á matança, ao assassinio, contra homens, que vivião entre vós como em meio de seus Irmãos? Desgraçados elles! Caro pagarão os males que vos causão. Mas vós tambem, infelizes Portuguezes, sereis as Victimias destes males!

Se ha ainda alguns abusos na Administração, a experiencia de cada dia os vai diminuindo. O meu Decreto de 14 de Junho já regulou huma parte interessante das Finanças, assegurando aos Militares, de hum modo fixo, o seu Soldo. Os Ordenados dos Administradores, e dos Ministros são pagos com regularidade. O Imperador Napoleão satisfeito, pelas contas que lhe tenho dado, do espirito público neste Reino, acaba de perdoar-vos a metade da Contribuição; e ao tempo que elle põe o remate a todos os votos que haveis formado, he que vós vos deixais levar da influencia de alguns scelerados! Ao tempo de colher o fruto da vossa tranquillidade, ao tempo de serdes felizes, he que quereis ficar privados até da esperança de o ser!

Eia pois, Portuguezes, não tendes mais que hum instante para implorar a clemencia do Imperador, para desarmar a sua ira. Os seus Exercitos de Hespanha se vem chegando já para as vossas Fron-

teiras por varios pontos: perdidos ficareis, se hisirardes. Deponde as armas; tornai pacificos para os vossos lares; imitai a tranquillidade da vossa Capital, e das Provincias que a rodeão; entregai-vos ao trabalho da vossa Agricultura; recolhei essas bellas Searas, que o Ceo vos envia, depois de tantos receios de huma horrivel fome, de que eu soube preservar-vos. Expulsai de entre vós com horror esses miseraveis scelerados, cujo objecto he só a pilhagem das vossas Cidades; tornai-vos dignos de serdes perdoados por huma prompta submissão, por huma prompta obediencia ás minhas Ordens: aliás, eis-aqui a punição que vos espera.

- « Toda a Cidade, ou Povoação, onde se tiver pegado em armas contra o meu Exercito, e cujos habitantes fizerem fogo sobre a Tropa Franceza, será entregue ao saque, destruida totalmente, e os seus moradores passados ao fio da espada.
 « Todo o individuo colhido de mão armada, será logo espingardeado. » Dado no Palacio do Quartel General em Lisboa a 26 de Junho de 1808.

(Assignado) O DUQUE DE ABRANTES.

RESPOSTA A ESTA PROCLAMAÇÃO.

JUNOT!

NÃO he o teu Exercito, nem o desse a que chamas o Grande Napoleão: não são os teus, nem os seus capciosos Proclamas capazes de assustar os valerosos Habitantes do Algarve, que lembrados ainda de haverem ganhado o seu Paiz á custa de suas vidas, lançando fóra d'elle outros mais temiveis, mais guerreiros Soldados, a quem nem tu, nem os teus jámais igualarão, os Mahometanos, digo, resolvêrão de huma vez mostrar-te, que elles são ainda os mesmos, fazendo desaparecer de entre si a infame raça Franceza, bem como aconteceu á Mauritana gente, e acclamando ao mesmo tempo o Principe Regente de Portugal, bem como acclamarão o Primeiro Affonso.

Tu foras talvez temido se o teu Exercito justamente merecera a grande fama, que tens, e teus Subalternos feito voar pelo mundo inteiro: mas o vil procedimento das Tropas Francezas, os seus estratagemas cavillosos tem desmentido essa fama. Hoje he assás conhecida por todas as Potencias belligerantes a cobardia de semelhan-

res Tropas. Portugal, tendo apenas cem Soldados ainda bizonhos, não teme cem mil Francezes versados na guerra.

As Tropas Francezas não são mais do que hum aggregado de saqueadores, de perfidos, de traidores, nutridos com o leite desse monstro desgraçado, que a mesma Natureza arrependida, e envergonhada de o haver produzido, ainda que por descuido, degrada da sua origem: hum aggregado da gente peor que o Sol cobre.

He contra este Exercito, que tomamos armas, e contra ti mesmo. Os Portuguezes deixarião de o ser, se assim não obrassem. Verás tu agora qual he o valor dos nossos braços: sobre ti, e o teu Exercito lá vamos frente a frente os golpes descarregar: será mais esta outra victoria, que faça respeitar o Nome Luso de hum a outro Emisferio: nós te faremos ver que sabemos conservar a nossa independencia, a integridade do nosso Paiz, que tu julgas perdida sem a tua protecção. Portugal he, e será sempre a mesma antiga Lusitania, governada pelos seus Principes. Por ventura dependemos de ti, ou de teu infeliz Amo? Queres persuadir-nos que sem a tua tantas vezes apregoada protecção ficaremos sendo huma Provincia da Hespanha? Não tem Portugal conservado a sua independencia? Acaso ignoras que não soffre jugo alheio? Não tens exemplos? Que te importa a desgraça que juigas consequente da sujeição Hespanhola? Por ventura te rogamos auxilio? He forte mania! Acaso procedem os Hespanhoes como os Francezes? Acaso tem usurpado alheios Sceptros? Acaso desthronizárão o seu Rei para acclamarem hum estranho homem, cingindo-lhe essa vacillante fronte com o Diadema Imperial? Não, estes attentados, odiosos ao Mundo todo, só a França he capaz de commetter; só ella he capaz de soffrer. Se a Hespanha disputasse o Direito da Successão a Portugal, poderia a França articular preferencia?

Alma invejosa, e ambiciosa, desengana-te, desengana o teu abatido Napoleão. A Europa sahio do lethargo; já não dorme, nem dormirá. Não te cances em persuadir-nos da sua alta protecção; ella está bem conhecida por todos os Povos, a quem elle a tem prometido! Perfidias, traições, eis-aqui a grande protecção! E quaes serão as felicidades consequentes! Dize-nos: Que felicidades trouxestes a Portugal? Opprimir os Povos com pezadas Contribuições para resgate dos nosos bens, que não estavam captivos; reduzir á indigencia familias inteiras, tirando-lhes o pão, que os seus Chefes ganhavam pelos seus empregos públicos; sacrificar a virtude á necessidade; exterminar as nossas melhores Tropas; extinguir o resto; desarmar as Cidades, e Povoações com o frivolo, e manhoso pretexto de manter a segurança pública, quando só por medo, que te resistão, deste esse errado passo; pôr finalmente a Nação indefeza, pobre, sem Commercio, sem Erario: he por ventura tudo isto alguma sombra de felicidade? Eis-aqui os effeitos dessa protecção! Italia, falla tu, dize quaes são os beneficios, que tens recebido da mão daquelle,

que tudo promette, e nada faz; que tudo promette para enganar! Ah! Tu não respondes? A escravidão, o medo te embarga a voz! Não importa: Nós o sabemos, o Mundo o conhece, e tu em tempo o dirás.

E sobre estes males intentava o Déspota da Europa dar-nos hum Padrasto, escolhido por elle, da sua mesma raça, igual a elle! Com que Direito? Com o da guerra? Não. Com o de Conquista? Não: elle mesmo já confessou não ter conquistado este Reino. Logo com que Direito nos dava hum Rei, que as nossas Leis fundamentaes excluem de governar estes Reinos? Sahir o Principe para Estados seus será crime? E contra quem o commetteo? Não, não he este facto criminoso: he sim hum effeito do seu paternal amor para com os seus fieis Vassallos, cujo sangue quiz poupar, salvando igualmente a sua Real Pessoa contra quem os perfidos attentavão: elle se entrega ás ondas dos vastos mares, e nos deixa a ultima prova do seu paternal amor, recommendando-nos a obediencia ao Poder Francez, a fim de evitar a effusão do nosso sangue. Que amor! Que heroismo!

Ah! se assim não fizesas, Principe Amado, a soberba Capital veria o sangue de seus filhos correr pelas suas ruas, e em caudalosos rios o de todos os Francezes; cada hum procurando seu differente leite; porque a honra, e a virtude não podem unir-se á insidia, á aleivosia: Lisboa veria tão triste scena; mas o triumpho tambem veria: Lisboa seria Bayona, mas a preza não sahiria.

Se Portugal te pedio hum Rei, obrou tão livre nessa rogação, como os Soberanos de Hespanha na abdicação de seus Estados a favor de hum ambicioso até dos Atributos da Divindade. Estranhas que Portugal agora proceda assim; e não te lembras, que promettendo tu proteger-nos, hias a fazer-nos desgraçados? Não dizes tu que te imitem? Pois que outra cousa fazemos? Tal he a tua Politica!

Recorda, Emissario do Despotismo, a infame traição praticada com a Familia Real dos Borbões: vê-te nesse espelho da maior perfidia, e sabe que nenhum Monarca até hoje commetteo acção tão execranda. Não, não: porque o Sangue Regio não produz acções vis. Este sangue não gira em as veas do teu Napoleão: circula sim hum amargo fel, que a Natureza por differença lhe deo em vez de sangue, composto dos liquidos mais venenosos de todas as Hydras, de todas as Serpes, cujo leite bebeo na sua desgraçada infancia. E Vassallos de hum tal Rei deverião entre nós viver? Que valorosas façanhas, que heroismos tem feito? Acaso he valentia vencer hum batalha, havendo comprado o plano do ataque, e o Ministro da Guerra, ou os Generaes da Coroa contra quem marchavão? Não, isto não he heroismo, he vileza. He com estes Soldados que pretendes vencer-nos?

O Egypto, a Russia, Alemanha, e Italia estão semeadas de frios, e mirrados esqueletos Francezes, sacrificados á ambição das ambições. Hespanha, e Portugal sepultarão o resto. Aqui mesmo

desapparecerá de huma vez essa estrellá de Napoleão, que tu crês impossivel desmaiar no meio de huns poucos de facciosos: aqui mesmo amortecerá com todo o corpo esse braço do mais valente dos seus Generaes, como te inculcas nos papeis públicos: aqui mesmo será o termo de tantas glórias ganhadas por traições, perfidias, e compras. He com estes Soldados que pertendes vencer-nos?

Humas Tropas de tanto nome, e tão guerreiras, desamparáo as suas armas, fogem, abandonáo a sua Aguia, quando no dia da Solemnidade de *Corpus Christi* em a nossa Capital huma voz se ouve proferindo o Nome Inglez?

Humas Tropas de tanto nome, e tão guerreiras, temem guardar huma Bateria em a Barra nova da Cidade de Faro, só porque imaginávão ser possivel cruzar aquelles mares algum Boite Inglez? He com estes Soldados que pertendes vencer-nos?

Humas Tropas de tanto nome, e tão guerreiras, são espectadores indifferentes ao Combate de dous Brigues Inglezes com quatro Barcas Hespanholas em a Barreta da mesma Cidade, olhando atemorizados, huns fugindo, outros vendo de suas janellas, como praticou o General Maurin, hoje nosso prizioneiro? E não acodem aos seus Alliados, que forão victimas? He com estes Soldados que pertendes vencer-nos?

Humas Tropas de tanto nome saqueáo os moveis, que se lhes davão para alojamentos, praticando esta fêa, e vil acção os seus mesmos Commandantes? Ah! a antiga França já não existe: esta he hoje a nova França! He com estes Soldados que pertendes vencer-nos? Perfido! São estes os Soldados do bravo Exercito de Gironde, de Marengo, de Austerlitz, e de Friedland? Envergonha-te! Se são os mesmos, então a perfidia, ou a compra venceráo as batalhas.

Junot, General por momentós, nós conhecemos a tua triste situação: tu tambem a conheces: diga-o a Carta, que dirigias a Napoleão recommendando-lhe a tua familia; e ainda ostentas ameaços? Aonde tens, ou donde te viráo essas Tropas para mandares ao saque das nossas Cidades, e destruillas totalmente, e passar ao fio da espada os seus habitantes? Viráo por mar? E que dirá Neptuno a isso? Viráo por Hespanha? Desgraçadas! infelizes victimas! Não, tu não podes salvar-te: tu não tens Soldados: elles te abandonáo. Se por algum tempo te seguiráo, outro chegou de conhecerem a sua desgraça; de conhecerem, tornamos a dizer, que o homem só deve entrar no estado da guerra para defender a Religião, o Rei, e a Patria. Mas os teus Soldados conhecem que só defendem o caprixo de hum Usurpador de alheias Coroas, em que não interessáo, porque não são seus Irmãos, ou Parentes. A Natureza aborrece o estado da guerra. Ah! Junot, que verdades estas! A final recorres ás Excommunições, e aos Anathemas, fulminados nessa involuntaria Pastoral do

Collegio Patriarcal, como que se tu acreditaras esses castigos, ou se Deos punisse quem defende a sua causa.

Cessa de publicar punições; perde louco a louca idéa de vir a Portugal esse Eugenio: não exacerbos a nossa colera: considera o tragico fim das Tropas Francezas na Hespanha. Esse grande Exercito de Dupont aonde está? Que he feito delle? Columnas cortadas, Batalhões assassinados, eis-aqui a sua sorte! Ceragoça, dize tu, se deases 18 mil Francezes, que passastes á espada, restou hum só? Bravo furor Hespanhol contra as tuas victorias, e continúa sempre valoroso, intrépido, e honrado. Lembre-te, Junot, o furor Portuguez, e persuadir-te-has com os teus Generaes, e Soldados, que serão todos pequeno pasto para os embravecidos Leões da Lusitania triunfante, o Algarve. Nós defendemos huma causa justa; tu porém defendes a traição. E como não será assim se tu mesmo nascido em Portugal vieste invadir a tua Patria! Olha a tua Patria: pensa os teus deveres: ouve a Patria, que te falla.

« Traidor parricida! Porque assim maltratas tua Mãi? Não disse tribui eu igualmente contigo, e teus Irmãos o leite, os mesmos costumes, as mesmas inclinações, a mesma honra, a mesma virtude? Por ventura ensinei-te a perfidia? Que motivos tens para rasgar as entranhas, que te concebêrão? Esquecerão te os deveres sagrados? Ah! ingrato! Desengana-te! Envergonha-te, entra em tua mesma consciencia, lerás nella o teu castigo: sim o sacrificio a que te espoz Napoleão, entregando-te á raiva Portugueza, faminta de sangue Francez. Estás sacrificado, e pelo teu grande amigo bem protegido: receberás o premio. »

A Patria acabou de fallar. E que respondes? Nada... Impio, se a verdadeira Religião morasse em teu coração, outro serias, qual nós somos. Não, nós não violamos a Religião, como tu dizes: este crime só a nova França commette. Lembre-te hum Berthier entrando em Roma, o qual mandando offerecer ao Santissimo Padre Pio VI. o tópe da liberdade, e huma certa pensão, recebeu a resposta seguinte:

« Não conheço mais que hum uniforme, que he aquelle, com que me condecorou a Santa Igreja. Podeis, se quizerdes, destruir o meu corpo, a alma não. Eu conheço o açoute, que castiga as Ovelhas, e o Pastor; he a vingança Divina pelas culpas de todo o rebanho: louvo a sua mão Soberana: não necessito de pensão: hum cajado, e hum alforje bastão para quem deve acabar a vida debaixo da cinza, e do cilicio: roubai, saqueai, e incendiai ao vosso uso: arruinareis os Templos; porém o Culto durará assim depois, como durou antes de vós-outros, e permanecerá até á consummação dos Seculos. » Pio VI.

Lembre-te o sacrilego procedimento das tuas Tropas em a Villa de Metrola ha poucos dias. Saiba o mundo, que semelhantes Tropas mancharão os Altares sagrados, servindo-se delles como de hum

cêpo para cortarem carne, e da Pia Baptismal para salgarem a mesma carne. Não mais, não mais nos arguas.

Essa Contribuição perdoada, esse plano de pagar ás nossas Tropas, não são bastantes para nos voltarem á obediência das tuas ordens. Nós te agradecemos as bellas Searas, que a Providência nos deo : nós te rendemos as graças por nos perservares de huma horri-vel fome : se tu não foras, certamente não comeríamos. Graças.... mas a quem? A hum Deo, que soffre a hum mortal tanta ousadia; hum mortal, que julga estar em sua mão a prodigiosa producção das nossas Searas, e que nos livrou da fome, como se elle fizera entrar em Portugal alguns viveres para o nosso sustento.

Ah! miseravel General! basta de liberalizar tantas graças. A Contribuição está por nós mesmos perdoada : os Soldos serão pagos, não por tua ordem, pois que o Erario está saqueado, segundo o uso da nova França. Nós te concedemos ainda hum momento para te salvars : nisto conhecerás a nossa gratidão. Bem sabes, que se nunca tememos Exercitos guerreiros, menos temeremos hunos vis cobardes. Se continúas, pagarás com a vida : no teu sangue, e no de teus Soldados cevaremos a nossa raiva; vingaremos em ti, e nelles a humanidade desolada, já que o teu Napoleão não se dignou ver-nos. Aproveita pois este momento, se queres desarmar a nossa ira; aproveita; não ouças os teus Subalternos, que não duvidão derramar com o teu o seu sangue; aproveita em quanto he tempo; depõe as armas : aliás, eis-aqui a punição, que te espera :

« Capitulação não será recebida. As nossas armas serão depositas sobre gargantas Francezas. O sangue de hum só Portuguez será vingado com o de toda a França.

Em obsequio da Religião, do PRINCIPE, e da Patria.

L I S B O A
NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO 1808.

Com Licença.